

12ª Jornada Científica e Tecnológica

MODERNIDADE E MENORIDADE: uma análise filosófica sobre a autonomia do pensamento em Kant e Orwell

Luiz Paulo Reis Lopes¹; Antônio Gilberto Balbino²

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito analisar a problemática da falta de autenticidade do pensamento presente no ensaio *Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”?*, de Immanuel Kant, e do romance distópico *1984*, de George Orwell. O ensaio kantiano apresenta que, pela comodidade de não precisarem pensar, muitos indivíduos permanecem na menoridade, ou seja, permanecem ideologicamente comandados por outrem. Diz ainda ser possível sair desse estado, sendo necessário para isso o uso público da razão, ou seja, a liberdade de poder manifestar a própria opinião e confrontá-la com outras. Em analogia ao ensaio de Kant, o livro *1984* apresenta um futuro distópico, em que o Grande Irmão, um líder totalitário, manipulava os indivíduos através de mecanismos, como a teletela e a polícia do pensamento, evitando assim a crimideia, isto é, o crime de pensar diferente do governo. Desse modo, optamos por escolher e comparar estas duas obras, pois trazem relevantes reflexões sobre a importância da autonomia do pensamento.

Palavras-chave:

1984; *Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”?*; Autenticidade.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito analisar a problemática da falta de autenticidade do pensamento presente no ensaio *Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”?*, de Immanuel Kant, e do romance distópico *1984*, de George Orwell. O ensaio kantiano apresenta que, pela comodidade de não precisarem pensar, muitos indivíduos permanecem na menoridade, ou seja, permanecem ideologicamente comandados por outrem. Diz ainda ser possível sair desse estado, sendo necessário para isso o uso público da razão, ou seja, a liberdade de poder manifestar a própria opinião e confrontá-la com outras. Em analogia ao ensaio de Kant, o livro *1984* apresenta um futuro distópico, em que o Grande Irmão, um líder totalitário, manipulava os indivíduos através de mecanismos, como a teletela e a polícia do pensamento, evitando assim a crimideia, isto é, o crime de pensar diferente do governo. Desse modo, optamos por escolher e comparar estas duas obras, pois trazem relevantes reflexões sobre a importância da autonomia do pensamento.

1.1 IMMANUEL KANT: A MENORIDADE E O ESCLARECIMENTO

O filósofo alemão Immanuel Kant, em 5 de dezembro de 1783, publicou o ensaio *Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”?*, no qual evidencia que, pela comodidade de não precisarem

¹Bacharelando em Filosofia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre.

²Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação da Universidade São Francisco.

pensar, muitas pessoas vivem na menoridade, isto é, não fazem uso do próprio pensamento (KANT, 1985, p. 100). O filósofo escreveu o seu ensaio no século XVIII, no contexto histórico em que o Iluminismo – pensamento filosófico que possui como principal característica o empenho em estender a razão como guia e crítica em todos os campos da experiência do homem (ABBAGNANO, 2007, p. 534) – estava difundindo-se por todo o mundo. Sendo assim, começaram a surgir muitas perguntas sobre o que seriam seus ideais.

O jornal *Berlinische Monatsschrift*, percebendo o anseio das pessoas em querer conhecer os ideais iluministas, escreve perguntando: o que é *Aufklärung*? Essa palavra alemã, em algumas traduções, significa “esclarecimento” e, em outras, “iluminação”. Desse modo, a resposta de Kant para o jornal, através do seu ensaio, vem justamente com a intenção de contribuir para justificativa sobre o que era esse movimento intelectual. O filósofo escreve o seu ensaio a partir do tema da importância do exercício de pensar por si mesmo, principal ideal do Iluminismo.

Kant estrutura o ensaio em três partes. Na primeira, ele responde à pergunta sobre o que é esclarecimento. Na segunda parte, apresenta os motivos de muitos não conseguirem alcançar a autonomia do pensamento. Por fim, o autor apresenta a sua tese de que, através da liberdade, é possível à pessoa se tornar esclarecida.

O filósofo enfatizou que o próprio homem é o culpado de estar sob os cuidados dos outros; entretanto, ele diz ser possível que o indivíduo saia desse estado, sendo necessário para isso ousar pensar por si mesmo (KANT, 1985, p. 100). A autonomia do pensamento acontece quando a pessoa deixa discursos prontos, atitudes dogmáticas e confronta a sua razão com a realidade. Para isso, é preciso ter a coragem de questionar as verdades tomadas como óbvias, problematizando questões do senso comum e gerando novas perguntas. Isso é desafiador, pois coloca ao chão crenças irrefletidas e, desse modo, muitos acham melhor não pensar por si mesmos e decidem seguir o pensamento de outros, pois assim não sofrerão a dor de saber a verdade.

Após analisar as consequências que fazem com que as pessoas fiquem presas à menoridade, o filósofo elenca a liberdade como fator emancipatório, a qual, construída pelo diálogo através do uso público da razão pode causar a queda do despotismo de líderes totalitários (KANT, 1985, p. 102-104). Ao fim, o filósofo diz que não se encontra numa época esclarecida, mas de esclarecimento, cuja conquista inspira esperança ao autor (KANT, 1985, p. 112).

1.2 GEORGE ORWELL: A MANIPULAÇÃO DO PENSAMENTO

Em analogia ao ensaio kantiano, o livro *1984*, de George Orwell, representa um futuro distópico, em que os indivíduos seriam controlados no modo de pensar. A sua história tem como contexto um regime totalitário, no qual o Grande Irmão, uma figura intimidadora, estava presente em todos os lugares, através de cartazes ou de mecanismos como a teletela, aparelho presente em

todas as casas, monitorando os movimentos e falas dos indivíduos, o qual não poderia ser desligado (ORWELL, 2005, p. 14). Winston Smith, personagem principal, trabalhava no Ministério da Verdade, sendo a sua função mudar as informações de jornais para ficarem de acordo com o governo, ou seja, Smith manipulava informações segundo as vontades do Grande Irmão. Desse modo, o líder totalitário conseguia reduzir a crimideia, isto é, o crime de pensar diferente do estado. Entretanto, assim como fala Kant, mesmo com meios que dificultam a autonomia do pensar, encontrar-se-ão pessoas com pensamentos próprios (KANT, 1985, p. 102). Isso aconteceu com Smith, que começou a perceber que estava alienado e contribuindo para a manipulação feita pelo *Big Brother*.

Primeiramente, Smith notou que todos os que conhecia estavam tão presos a grilhões de discursos prontos e de atitudes dogmáticas que viam, na figura do Grande Irmão, um messias incontestável. Para Kant, isso acontece porque os próprios tutores embruteceram os indivíduos tornando-os gados domésticos e preservam assim essas tranquilas criaturas “a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar” (KANT, 1985, p. 102). Frases como “o Grande Irmão zela por ti” (ORWELL, 2005, p. 2) eram presentes em todos os lugares e causavam nas pessoas um conforto, pois não precisariam zelar por si mesmas, uma vez que tinham um tutor que fazia isso por elas.

Em segundo lugar, a tomada de consciência do estado de menoridade só foi possível a Winston Smith por causa da liberdade que foi proporcionada a ele, quando percebeu haver na sua casa um lugar onde a teletela não conseguia enxergá-lo. Desse modo, Smith decide escrever um diário. Segundo Kant (1985, p. 102), com a liberdade, o indivíduo exerce a autonomia do pensamento, pois através dela pode-se escolher aquilo que acredita ser o certo e, na medida em que escolhe, está sendo autônomo. Sendo assim, é quase inevitável que alguém ou até mesmo um grupo se esclareça. O filósofo ainda diz que, por toda parte, existem tutores querendo limitar a nossa liberdade, pois ela, embora inofensiva, pode ocasionar desconforto para eles. Não é interessante que um grupo se esclareça, mas sim que obedeça: “eis aqui por toda a parte a limitação da liberdade” (KANT, 1985, p. 104). Sendo assim, percebe-se como o exercício do pensar é importante, pois ele pode ocasionar a “queda do despotismo” (KANT, 1985, p. 104) e de ideologias. Embora escrever um diário não fosse algo ilegal, pois não existiam leis, Smith poderia ser morto caso a polícia do pensamento tomasse consciência disso, porque, se o Grande Irmão queria limitar a liberdade, diários, livros ou qualquer outra coisa que contribuísse para difundirem a autonomia do pensamento deveria ser eliminada ou alterada segundo as vontades do governo.

Segundo a hipótese Sapir-Whorf, “uma comunidade enxerga o mundo através da linguagem e cultura em que está inserida” (MARCONDES, 2010, p. 45); sendo assim, a compreensão da realidade é organizada através das categorias culturais e linguísticas. Contudo, aos olhos de líderes

totalitários, manipular a fala e a cultura é uma ótima forma de manter o domínio sobre os seus cidadãos. Semelhante a essa hipótese, o livro *1984* traz o conceito de novilíngua, isto é, restringir o uso de todo o vocabulário limitando o pensamento dos indivíduos (ORWELL, 2005, p. 37-38). Desse modo, o Grande Irmão deixaria a crimideia, ou seja, o crime de pensar diferente do estado, impossível de ser feita, pois não haveria palavras para expressar a insatisfação pelo governo (ORWELL, 2005, p. 38).

4. MATERIAL E MÉTODOS

Este artigo sob o ponto de vista da abordagem é qualitativo. Foi realizada uma pesquisa tendo como enfoque a consulta de dois principais escritos: *1984* de George Orwell e *Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”?* de Immanuel Kant. Usamos a metodologia filosófica padrão, ou seja, identificamos o problema, as hipóteses, a estruturas de raciocínio feito pelos autores e apontamos a tese.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A autonomia do pensamento acontece quando a pessoa deixa discursos prontos, atitudes dogmáticas e confronta a sua razão com a realidade. Para isso, é preciso ter a coragem de questionar as verdades tomadas como óbvias, problematizando questões do senso comum e gerando novas perguntas. Isso é desafiador, pois coloca ao chão crenças irrefletidas e, desse modo, muitos acham melhor não pensar por si mesmos e decidem seguir o pensamento de outros, pois assim não sofrerão a dor de saber a verdade. Segundo Kant, mesmo com meios que dificultam a autonomia do pensar, encontrar-se-ão pessoas com pensamentos próprios (KANT, 1985, p. 102). Isso aconteceu com Smith e também acontecerá com aqueles que ousarem exercer a autonomia do pensamento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a fazer uma análise sobre a autonomia do pensamento no ensaio de Kant e no romance de Orwell. Constatou-se, através da trajetória de leitura proporcionada, que a falta da utilização do próprio pensar é a assinatura de uma perpétua minoridade. Entretanto, é possível sair desse estado, sendo necessário para isso o uso público da razão, ou seja, a liberdade de poder manifestar a própria opinião e confrontá-la com outras.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KANT, I. **Textos Seletos**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARCONDES, D. **Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.